

Segunda-feira

“Só Tu És Digno”

ADORAÇÃO E A SEGUNDA VINDA

A família tinha poupado durante muito tempo para as suas férias de sonho. Quando finalmente entraram no avião e se sentaram, deram um suspiro coletivo de alívio e disseram: “Férias, aqui vamos nós” – e adormeceram. Seis horas depois, acordaram, enquanto o avião estacionava na porta de desembarque. Contudo, imagine a sua surpresa e choque quando viram homens de casaca, fazendo face ao vento e ao frio. Tinham comprado bilhetes para os trópicos – mas desembarcaram no Alasca.

Consegue imaginar a sua completa incredulidade? De alguma forma, tinham apanhado o avião errado e ninguém dera por isso. Em vez de brisas suaves e palmeiras ondulantes, enfrentavam ventos gelados e a possibilidade de um nevão.

Embora possamos escapar de apanhar o avião errado e acabar num destino completamente diferente, também nós podemos perder o mais antecipado acontecimento da História. Cansados da longa espera, distraídos por uma grande dose de meios de comunicação e de entretenimentos, confusos pelas abordagens atuais sobre Deus, os Adventistas do Sétimo Dia dão por si no meio de uma guerra de adoração que ameaça estilhaçar comunidades e igrejas. Esta guerra de adoração não é sobre estilos de música ou instrumentos. Esta guerra é muito mais profunda, vai ao cerne da questão.

A Quem Adora?

A adoração fiel caracteriza o povo de Deus que vive nos últimos dias. Na realidade, o primeiro anjo de Apocalipse 14, voando no meio dos céus e proclamando o Evangelho eterno, desafia-nos: “temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo, e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:7).

A adoração é um tema da maior importância em Apocalipse. O povo de Deus adora o Cordeiro de Deus no trono (Apoc. 4:10; 5:14; 7:11; 11:16). No entanto, é Satanás, o dragão, que impõe e exige a adoração da parte daqueles que vivem na Terra (Apoc. 13:4, 8, 12, 14). Ele sabe que estamos comprometidos com aquilo ou com aquele a quem adoramos.

Assim, a batalha continua cada dia, à volta de todo o mundo. Algumas pessoas adoram coisas. (No passado, chamava-se a isso idolatria, mas, hoje, chamamos materialismo.) Outras adoram pessoas. Em 2010, os professores catedráticos da Universidade de Baylor, professores Paul Froese e Christopher Bader, publicaram *America's Four Gods: What We Say About God – and What That Says About Us (Os Quatro Deuses da América: O Que Dizemos Sobre Deus – O Que Isso Diz Sobre Nós)*. Baseados num inquérito sobre pontos de vista religiosos, eles sugeriram que os Americanos tinham quatro pontos de vista distintos sobre Deus: o Deus autoritário, o Deus benevolente, o Deus crítico, e o Deus distante. Não é necessário dizer que a nossa perceção de Deus modela, claramente, a nossa adoração de Deus. Se Deus é distante e crítico, as pessoas têm tendência para O adorarem com cuidado e de forma liturgicamente correta. Se Deus é visto como benevolente (o que Ele é, claramente) à custa da Sua autoridade, podemos considerar Deus o nosso “amigalhaço”.

Por vezes, parece que podemos ter feito Deus à nossa própria imagem, em vez de

reconhecemos que fomos criados à Sua “imagem e semelhança” (Gén. 1:27).

Adoração e Reavivamento

Uma rápida revisão da história de Israel confirma a íntima ligação entre a adoração e o reavivamento. A reforma e a restauração do templo por Ezequias foram seguidas pela celebração da Páscoa (II Cró. 29 e 30). Quase um século mais tarde, o jovem rei Josias começou um grande reavivamento em Israel, expurgando Judá e Jerusalém dos seus lugares altos, altares de Baalim e outras formas de adoração de ídolos (II Cró. 34). Mais tarde, Josias reestabelece a celebração apropriada da Páscoa (cf. II Cró. 35, esp. v. 18).

Quando o nosso foco está em Deus, somos revigorados; as nossas prioridades são reajustadas; lembramo-nos de quem somos verdadeiramente (seres criados); reconhecemos as nossas infelizes tentativas de moldarmos o nosso próprio destino centrando-o em nós mesmos. Uma linha reta guia do reavivamento para uma adoração renovada.

Adoração e Espera

A adoração não é apenas um tópico teológico sobre a agenda de Deus nos últimos dias; a verdadeira adoração, em oposição à falsa adoração, aponta para longe de nós e em direção ao nosso Criador e Redentor. Os outros poderão ver isso na prática. Tiago descreve este elemento concreto da adoração: “A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo” (Tiago 1:27). Quem espera pelo glorioso regresso do seu Mestre e Senhor não se senta ociosamente em mosteiros, igrejas ou universidades, debatendo as complexidades e os prazos do Seu regresso. Envolvem-se nas suas comunidades. Servem os sem-abrigo; partilham as bênçãos materiais e espirituais com os abatidos e desanimados; cuidam dos doentes e abraçam os moribundos. O serviço abnegado desafia-nos. Muitas vezes, isto significa deixar a nossa zona de conforto – os lugares em que nos sentimos em casa. Tenta igualar a atitude de Jesus, que “se aniquilou a si mesmo, tomando a forma de servo” (Fil. 2:7). Podemos vê-la no facto de Jesus lavar os pés dos Seus discípulos – incluindo àquele que, no fim, O havia de trair – e ouvimo-l'O recordando-nos que devemos seguir o Seu exemplo (João 13:15).

Adoração e Sábado

Faça, a algum Adventista, uma pergunta sobre a adoração e o Sábado acabará por surgir na conversa. Os Adventistas amam o Sábado. Recorda-nos das nossas origens – um poderoso Criador fez-nos à Sua imagem e semelhança (Êxo. 20:8-11). Também nos diz algo sobre o Paraíso perdido e sobre a maneira como Deus nos leva para o lar – somos pecadores necessitando de um Salvador e precisamos de ser libertos “do Egito” (ver Deut. 5:12-15). A Criação e a redenção são tópicos importantes da nossa adoração, e cada Sábado é uma oportunidade “para recordar”.

Contudo, o Sábado também tem um papel importante enquanto esperamos pelo regresso do Mestre. A habilidade de Satanás em substituir o Sábado pelo domingo culmina no cenário do fim dos tempos de Apocalipse, que se centra no verdadeiro dia de adoração (Apoc. 13:11-17; 14:9; cf. a capacidade do poder da pequena ponta de Daniel 7:25 para “mudar os tempos e a lei”). Ellen White predisse: “Os que honram o Sábado bíblico serão denunciados como inimigos da lei e da ordem, como que estando a derrubar as restrições morais da sociedade, causando anarquia e corrupção, e atraindo os juízos de Deus sobre a Terra”.¹

Os comentários perspicazes de Ellen White recordam-nos de que o dia de adoração não é uma questão de preferência, mas um assunto de vida ou morte. O nosso compromisso para adorar

Deus como Ele quer tem de ser baseado solidamente na palavra profética e no conhecimento pessoal de um Salvador que é verdadeiramente merecedor de adoração.

Não Precisamos de Temer

O livro de Apocalipse pode ser uma leitura perturbadora. Quando nos centramos em crises, perseguições, e oposição a Deus, podemos sentir-nos oprimidos e temerosos. Contudo, a “revelação de Jesus Cristo” (Apoc. 1:1) não se concentra apenas na crise final; vez após vez realça a suprema alegria de adorar o Cordeiro que Se senta no trono.

O capítulo 7 proporciona um bom exemplo: João olha e vê uma grande multidão que ninguém pode contar de pé à volta do trono. Eles não conseguem ficar em silêncio; não conseguem ficar quietos. “Salvação ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro” (v. 10), gritam; depois adoram Aquele que pagou o derradeiro preço para a sua salvação. A sua alegria recorda-nos da paz celestial e da felicidade. A sua adoração incentiva-nos a permanecer fiéis e preparados para servir. Os seus cânticos falam-nos de um futuro que nem podemos imaginar. Não existe calor abrasador, nem ânsias de fome, não haverá lágrimas nem medo, nem solidão, porque “Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima” (v. 17).

Vamos juntar-nos à sua adoração, hoje!

1. Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Sabugo, Portugal: Publicadora SerVir), p. 492.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E PARTILHA

1. Como pode a adoração tornar-se na força motriz da nossa caminhada cristã?
2. Qual é a relação existente entre a adoração e o Sábado?
3. Qual é a ligação entre a verdadeira adoração e a Segunda Vinda? Porque somos avisados para não “adorar a besta”?